

Sincronicidades Proexológicas Envolvendo o Laboratório *Serenarium*

Proexological Synchronicities around the *Serenarium* Laboratory

Sincronicidades Proexológicas Envolviendo el Laboratorio *Serenarium*

Cristiano Berbigier*

Contato. O primeiro contato intrafísico significativo, envolvendo o Laboratório *Serenarium*, ocorreu em 2004, aos 22 anos de idade do autor, na inauguração do primeiro *Serenarium*, localizado no *Campus* ARACÊ, em Domingos Martins, Espírito Santo.

Representatividade. Naquela época, estava presente na inauguração que coincidiu com o 17º Congraçamento das Instituições Conscienciocêntricas (ICs). Contudo, por insuficiente cognição parapsíquica, não avaliava a representatividade de um laboratório multidimensional naquelas proporções construído na intrafísicalidade. Mas, lembro-me de ter ficado impressionado com as formas arquitetônicas, especialmente a necessária estrutura de apoio ao experimentador.

Pioneirismo. Fatos são fatos e contra estes não há argumentos. Aquele primeiro contato, ficou gravado na memória, e, por muitas vezes, ajudou-me a refletir sobre o pioneirismo interassistencial da Conscienciologia nas ICs.

Adesão. O contato seguinte ocorreu em 2008 quando aceitei a proposta de auxiliar na construção do Laboratório *Serenarium* a ser realizada pela ASSINVÉXIS, instituição na qual era voluntário desde 2004. Desde esse mesmo ano, tornara-me praticante da técnica da Inversão Existencial.

Sincronicidades. Na ocasião, sincronicamente era lançada a ideia pela ASSINVÉXIS de antecipar as inscrições para a edificação do laboratório, visando custear a obra do mesmo. Não pensei duas vezes, e inscrevi-me imediatamente, sendo o primeiro inscrito. Intimamente sabia do vínculo proexológico pessoal com o laboratório.

Posicionamento. Um dos principais posicionamentos considerados foi o fato de que naquele mesmo ano também decidi que moraria em Foz do Iguaçu e iria de alguma forma voluntariar na equipe de apoio aos experimentos do *Serenarium*.

Intencionalidade. Ao participar da Semana da Invéxis, cheguei a redigir carta manuscrita dizendo que gostaria de morar no *Campus* de Invexologia e ajudar a construí-lo, entregando ao coordenador da instituição e requisitando até um terreno para construir a própria residência.

Mesologia. Ao retornar para a cidade onde residia na época, Charqueadas, RS, estava empolgado e motivado, certo do que precisava fazer. A lucidez foi diminuindo e gradativamente fui voltando à rotina anterior, submergindo no roldão estagnante da mesologia.

“Aboborização”. Sem muita acuidade, a motivação foi cedendo à acomodação, e, em muito breve, virara “abóbora”, com a apresentação de desculpas do tipo: falta o “pé de meia”, não terei como

*Empresário, Corretor de imóveis, Especialista em Administração de Empresas, voluntário-docente da Associação Internacional de Inversão Existencial (ASSINVÉXIS) desde 2004.

cristiano.mb@hotmail.com

me sustentar, não dará certo, passarei a ter muito trabalho, como ficariam as atividades profissionais desenvolvidas até aquele momento? Afora as pressões familiares, ampliadas em grau exponencial devido à empresa familiar, havia ainda a preocupação com a formação da dupla evolutiva recém-iniciada.

Aprendizado. Hoje, lembro-me de um aprendizado que demorei para ter: aproveitar os momentos mais lúcidos para fazer reflexões magnas e planejar as ações, colocando-as em prática sem pestanejar, aproveitando o melhor momento para tomar decisões.

Aproveitamento. O tempo foi passando, contudo não fiquei parado e obtive várias conquistas. Por exemplo: a profissão de corretor de imóveis, a graduação no curso de Administração de Empresas, especialização, tornando-me empresário no ramo da gastronomia, mais especificamente pizzaria, o que depois me deu sustentabilidade financeira para mudar-me para Foz do Iguaçu.

Persistência. Apesar da formação acadêmica, do voluntariado e da vida organizada em Charqueadas e Porto Alegre, mantive aquela ideia, meio vaga, mas persistente, de um dia mudar-me para o *Campus* de Invexologia em Foz do Iguaçu, PR. Nesse ínterim, mantive-me conectado e presente nos eventos da ASSINVÉXIS, mas sentindo que poderia produzir mais, fazer algo diferente, mais condizente com o que pensava sobre a proéxis.

Autoengano. Então, em julho de 2012, participei da Semana da Invéxis. Estava tudo tranquilo, seria mais uma semana como as anteriores, de que já participara, mas, claro, depois voltaria para Charqueadas, retomaria todas as rotinas e o sonho continuaria.

Crise. Porém, logo no início da semana o colega evolutivo, M.A, também inversor, perguntou-me: *Cristiano, lembra-se daquela carta que escreveu para a ASSINVÉXIS?* Tratava-se de meu pedido feito na “Semana da Invéxis” do ano anterior para morar no *Campus* de Invexologia. E brincou dizendo que mostraria a carta no telão para que todos vissem. Imediatamente retomei aquele sentimento muito forte de fazer parte da construção do *campus* e aquele contexto me fez entrar em crise.

Oportunidade. E como se não bastasse, logo em seguida apareceu o voluntário A. B., o qual nesta vida intrafísica ainda não me havia sido apresentado, e perguntou sem melindres: *Cristiano, e se existisse uma casa pronta, você mudaria para o Campus de Invexologia?* A resposta também foi de pronto: sim.

Aporte. Na sequência, A. B. me levou para conhecer uma casa que a ASSINVÉXIS teria recebido em doação por outra I.C., pois ela era construída com o sistema que eu conhecia e trabalhava. O próximo passo foi ver se existia a possibilidade de desmontá-la e remontá-la no *Campus* da Invexologia, o que foi confirmado.

Caminho. A partir desse momento percebi que o caminho já era sem volta, não teria mais como retroceder ou arranjar as desculpas como antes, o processo era único: o de bancar a mudança. Então, marcou-se a desmontagem da casa para os próximos 10 dias: início de agosto de 2012.

Confluências. Só que agora deveria voltar e contar para todos, principalmente para a minha companheira. Agendei uma conversa com hora marcada e fui bem direto: *estou indo morar em Foz do Iguaçu, não posso mais adiar, você vem comigo?* E para meu espanto ela respondeu prontamente que sim, porém, com uma condição: levar todos animais de estimação (2 cachorros e 6 gatos). *Ok negócio fechado*, foi minha resposta.

Base. O próximo passo foi voltar a Foz do Iguaçu para desmontar e transportar a casa até o *Campus* de Invexologia. Quando o projeto foi aprovado pela Prefeitura, iniciou-se o planejamento da construção da base física. Em janeiro de 2013, começaram as obras, auxiliadas por 2 pedreiros de Charqueadas, porém a casa só foi ficar pronta para morar em maio do mesmo ano.

Duplismo. Até aquele momento permaneci com residência em Charqueadas, alternando aproximadamente 10 dias em Foz do Iguaçu e outros 10 dias em Charqueadas. O mais preocupante era que os negócios não estavam indo bem, as dívidas crescendo e as dificuldades cada vez maiores, mas a decisão era sem volta e agora eram dois: eu juntamente com a duplista somando forças, posicionados que iriam de qualquer jeito. O apoio e companheirismo do casal foram vitais naquele momento.

Mudança. Em 28 de maio de 2013, finalmente, ocorre a mudança da residência para Foz do Iguaçu, e, por mais incrível que possa parecer, os negócios começaram a melhorar, as pizzarias em Charqueadas aumentaram consideravelmente os faturamentos, corroborando a decisão firme e inquebrantável de mudar, trazendo a tranquilidade e a certeza íntima de acerto para os dois.

Voluntariado. Logo ao chegar, iniciei o voluntariado e os problemas que pareciam sem solução ficaram mais fáceis de resolver. Um clima de euforia tomou conta da dupla. No entanto, foi período de grandes desafios, adaptações e ajustes nos mais diversos sentidos. Por outro lado, fomos muito bem acolhidos e recebemos apoio dos demais voluntários, especialmente dos que já residiam no *campus*.

Envolvimento. Já morando no *campus* começamos a nos envolver mais nas atividades da ASSINVÉXIS: formação da turma para o Curso Extensão em Conscienciologia e Projeciologia (ECP3), finalização das obras do *Serenarium* e planejamento da obra do Laboratório ao Ar Livre Alameda Técnica de Viver.

Energias. Agora a ASSINVÉXIS já contava com 2 duplas morando no *campus*, o que era muito positivo para a sustentabilidade energética do *campus*; e as obras do *Serenarium* por sua vez estavam quase prontas. O foco naquele momento era discutir o início dos experimentos-teste no laboratório. Havia debates constantes sobre condições mínimas, prioridade, metodologias e assim por diante; paralelamente, acontecia a organização do ECP3 que demandava bastante trabalho. Surpreendentemente as inscrições travaram sem razão aparente.

Recursos. A discussão entre os voluntários dizia respeito a começar ou não os experimentos-testes do *Serenarium* naquele momento. Parecia sem razão de ser, principalmente porque a equipe era a mesma e dividiria esforços, podendo perder forças. Por outro lado, pensava-se que a abertura do *Serenarium* poderia agregar recursos energéticos antes do ECP3, potencializando a assistência aos interessados em inscrever-se no curso. A maioria decidiu iniciar as atividades no Laboratório no *Serenarium*.

Acerto. A decisão foi acertada, tudo melhorou a partir daquele momento. Então se observou o quanto o laboratório é importante e que, por hipótese, a abertura do laboratório em 16.06.2013 ajudou no sucesso do ECP3 ocorrido de 19 a 21.07.2013, com mais de 300 pessoas.

Profundidade. Em pouco tempo os voluntários perceberam que a infraestrutura assistencial relacionada ao *Serenarium* começou a auxiliar na organização da própria equipe devido à profundidade e complexidade das atividades e pontualidades necessárias. Refletimos sobre a ideia de que o voluntariado no laboratório assemelha-se à tenepes pela constância e comprometimento integral que demanda. O trabalho na equipe do laboratório requer comprometimento do voluntariado mais sério.

Desassédio. A interassistência deve ser constante dentro da equipe, pois existe pressão muito grande. A paradiáspora exige atenção multidimensional contínua e higidez pensênica para evitar ocorrências de assédio na equipe intrafísica do laboratório.

Aprendizados. Por precaução, foram realizados 7 experimentos-testes com voluntários antes de abrir para experimentos ao público externo. Nestes experimentos-testes foram marcantes as oportunidades de crescimento da equipe e aperfeiçoamento do laboratório em si. Os primeiros faziam listas

de mais de 30 itens a serem revistos, muitos foram solucionados rapidamente, porém, havia alguns pontos que ainda estavam pendentes.

Cosmovisão. No entanto, o Professor Waldo Vieira em novembro de 2013, com sua cosmovisão, pediu para a equipe abrir o laboratório para funcionamento à CCCI a partir de janeiro de 2014, dando à equipe 2 meses para iniciar os trabalhos *para valer*. Positivamente, a fatuística vivenciada comprovava a possibilidade da abertura imediata do laboratório: os relatos eram unânimes ao afirmar que o *Serenarium* estava funcionando desde o primeiro experimentador.

Porém. Só que para abrir o laboratório havia um pequeno *porém*, ou seja, a questão financeira, pois havia 30 pessoas que se inscreveram e anteciparam o pagamento do experimento no período de 2008 a 2010, época em que foram buscados os recursos para viabilizar a construção do laboratório.

Estratégia. Assim, devia-se priorizar a “lista dos 30 apoiadores iniciais do *Serenarium*” e arranjar alternativas para custear as despesas advindas dos experimentos relativos a estas inscrições. Depois de muitos debates, decidiu-se fazer um experimento da “lista dos 30” por mês e outro aberto (novas vendas) ou para a equipe de voluntários, possibilitando também a necessária qualificação interna. Logo, os experimentos abertos custeariam os 30 já inscritos. A composição resultou numa excelente estratégia, até para a acomodação da agenda dos inscritos previamente.

Feedback. Quando o primeiro experimentador da “lista dos 30” fez o laboratório, confirmou-se a hipótese de que o *Serenarium* já estava preparado para ser aberto ao público geral. Sucessiva e reiteradamente, com os experimentadores posteriores, os *feedbacks* foram positivos e complementares quanto aos resultados nas autopesquisas e autoenfrentamentos saudáveis no laboratório.

EXPERIÊNCIA ENQUANTO PLANTONISTA

Descoberta. Com o início dos experimentos a equipe começou a descobrir e desenvolver as atividades de suporte ao experimentador, das quais uma das mais surpreendentes para mim é a função de Plantão do Apoio ao *Serenarium*, pois traz envolvimento intenso do voluntário plantonista, por ficar três dias imerso neste holopensene e focado diuturnamente na assistência ao experimentador do laboratório.

Disponibilidade. Dentro das atividades da equipe um dos primeiros desafios foi a escala de plantonistas, pois a função exige disponibilidade integral de no mínimo 3 dias (7h de sexta-feira até 10h de segunda-feira) e a maioria trabalha, reduzindo as possibilidades na escala dos voluntários. Interessante que, ao assumir determinado plantão, o voluntário já se conecta ao experimento, suscetível a repercussões, ideias e participando da interassistência. Tive a vantagem de ter disponibilidade, pois morava em Foz do Iguaçu e meu trabalho era realizado pela *internet* com flexibilidade tanto de horários quanto de dias. Essa questão me ajudou muito a estar mais envolvido com as demandas de infraestrutura e participar dos plantões.

Estar atento. O plantonista além de dispor de 3 dias, deve estar conectado a maior parte do tempo ao experimento para o apoio necessário ao serenauta. Quando se está de plantão, tudo o que acontece merece atenção multidimensional e questionamento: se aquela sensação, desconforto, contrafluxo, irritação ou qualquer sentimento e percepção é sua, do serenauta ou de consciexes envolvidas no experimento.

Energossoma. Embora a rotina intrafísica do plantonista não exija esforço físico e nada que o desgaste, muitas vezes no plantão a pessoa é tão requisitada energeticamente que existe o cansaço em

alguns momentos; aí vale o plantonista se perguntar como está seu domínio energético, sua interação com a multidimensionalidade e a disponibilidade interassistencial.

Tenepes. Devido às demandas extrafísicas um dos critérios para se voluntariar no *Serenarium* é o voluntário ser tenepessista, pois a assistência é tarefa constante nos experimentos, sendo necessária essa ferramenta assistencial. Por isso, senti necessidade de começar a tenepes devido às pressões de estar morando no *Campus* de Invexologia juntamente com as atividades do *Serenarium*.

Pressão. Vários indicadores começaram a acontecer nas dinâmicas parapsíquicas, nas atividades de voluntariado, e, principalmente, comecei a sentir a necessidade de exteriorizar muita energia. Sentia a pressão constante das consciências do meu trabalho profissional, ficando muitas vezes com rebarbas; após o experimento do *Serenarium* em agosto de 2013, comecei a tenepes. Daí em diante, percebi melhora na minha capacidade de resolução dos problemas e disposição assistencial.

Parapsiquismo. As parapercepções do campo holopensênico durante o experimento *Serenarium* é algo nítido, assim como as parapercepções de amparadores nas atividades programadas. Na minha experiência, há diferença em cada um dos três dias em que o serenauta fica dentro do laboratório. Embora o padrão parapercebido apresente exceções, normalmente, as sextas-feiras são mais turbulentas com mais demandas; aos sábados ainda é bastante agitado e aos domingos parece que as demandas se acalmam como que fechando o experimento.

Produtividade. Existe um aspecto do plantão muito interessante que é o aumento de ideias e produtividade alta dos plantonistas, devido à imersão natural e à atenção multidimensional constante, juntamente com o foco assistencial. Tudo isso estimula o plantonista a reflexões profundas, bem como alta produtividade intelectual, trazendo aproveitamento fantástico ao voluntário.

Conclusão. É possível dizer que ser plantonista do *Serenarium* significa o privilégio de poder trabalhar junto com a equipex do *Serenarium* (Equipe do Serenão) fazendo parte desse mecanismo de desassédio e assistência ao experimentador e a tudo que está envolvido.